

Brasil se fortalece e reduz em mais de US\$ 19 bilhões o valor de sua dívida com credores estrangeiros. Com mais dinheiro em caixa, empresas aproveitam a cotação baixa do dólar e quitam os débitos

Dívida Pública externa

Menos vulnerável

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

A té o início de 2002, estimulado por críticas de alguns dos mais renomados economistas, o PT tinha como uma de suas principais bandeiras o calote da dívida externa. Mas desde que assumiu a Presidência da República, há pouco mais de dois anos e meio, Luiz Inácio Lula da Silva não apenas honrou todos os pagamentos com os credores do país, como viu a dívida encolher e se tornar um mal menor. Os números divulgados ontem pelo Banco Central mostram que entre dezembro de 2002 e junho deste ano, o endividamento externo caiu US\$ 19,4 bilhões, dos quais US\$ 10 bilhões apenas nos primeiros seis meses deste ano. A dívida fechou o primeiro semestre do ano em US\$ 191,3 bilhões, o mais baixo patamar desde dezembro de 1996, quando estava em US\$ 179,9 bilhões.

No caso do setor público, o endividamento externo diminuiu US\$ 4,7 bilhões entre janeiro e junho últimos. No setor privado, incluindo os débitos de curto prazo com vencimento em até um ano, a redução foi de US\$ 5,3 bilhões. Segundo o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, vários fatores podem explicar esse movimento. O primeiro deles é o dólar em queda. As empresas, sobretudo, estão preferindo quitar os débitos nas datas de vencimento do que refinanciá-los, como acontecia recentemente. Tal opção, afirmou Altamir, pode ser confirmada por aquilo que o BC chama de taxa de rolagem, que ficou em 41% nos primeiros oito meses do ano. Ou seja, nesse período, para cada US\$ 100 de dívidas que venceram, as companhias pagaram US\$ 59 e só rolaram US\$ 41.

“As empresas estão pagando dívidas porque têm muito dinheiro em caixa. Além disso, elas estão preferindo se financiar no mercado interno, por meio da emissão de ações ou de debêntures (títulos com vencimento definido que pagam taxas de juros bastante atraentes)”, disse o economista do BC. Ao quitarem os débitos ou trocá-los por empréstimos em reais, as companhias se livram dos riscos de bruscas variações nos preços do dólar. Foi esse raciocínio, por sinal, que levou o Tesouro Nacional a emitir no início da semana os primeiros títulos em reais no mercado internacional. Altamir fez ainda uma ressalva: mesmo com as novas emissões do Tesouro, a dívida do setor público tende a cair nos próximos levantamentos, já que o Brasil antecipou, em julho, o pagamento de US\$ 4,976 bilhões ao Fundo Monetário Internacional (FMI).

Fortalecimento

A redução da dívida externa não foi, porém, o único fato positivo assinalado pelo BC nas contas externas. De acordo com Altamir, todos os indicadores que medem a capacidade de pagamento do país e mostram a sua capacidade de reagir a crises internacionais melhoraram substancialmente. A relação entre os serviços da dívida (juros mais amortizações dos débitos) e as exportações baixou de 82,7%, em dezembro de 2002, para 44,4% em junho último. É o melhor resultado desde dezem-

PARA COMEMORAR

Números positivos na área externa

DÍVIDA EXTERNA TOTAL (Em US\$ bilhões)

Governo e empresas estão aproveitando o dólar em baixa para quitar débitos no exterior. Somente nos seis primeiros meses deste ano, o endividamento encolheu US\$ 10 bilhões

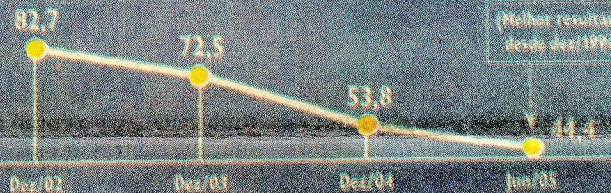


ÍNDICES DE SOLVÊNCIA

Esses indicadores mostram que o país está cada vez mais forte para enfrentar crise externas e se tornando um porto mais seguro para investimentos

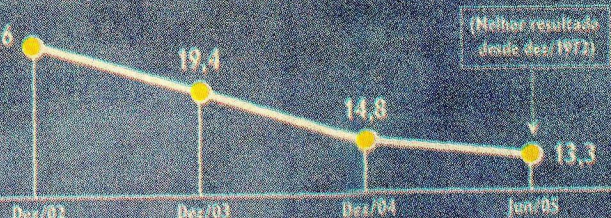
Serviço da dívida em relação às exportações (Em %)

Quanto os gastos com amortização e juros representam das vendas externas



Juros em relação às exportações (Em %)

Quanto os gastos anuais com juros representam das exportações



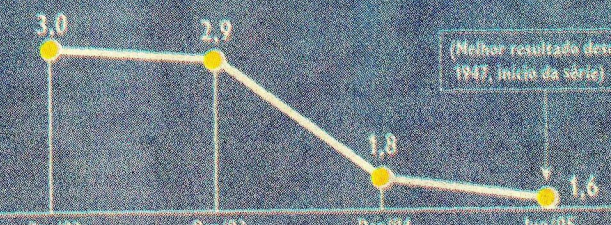
Reservas internacionais em relação à dívida de curto prazo (Em %)

Quanto as economias em dólares do país representam dos débitos com vencimento em até um ano



Dívida total ante as exportações de bens e serviços (Em vezes)

Quantas vezes de vendas externas são necessários para pagar as dívidas



Fonte: Banco Central

bro de 1994, quando estava em 32,2%. Isso significa dizer que o Brasil está precisando cada vez menos das receitas das vendas externas para quitar os compromissos que vencem todos os anos com os credores estrangeiros.

Outro dado importante: em dezembro de 2002, as reservas internacionais do país (poupança para ser usadas em momentos de escassez de recursos) cobriam apenas 64,6% das dívidas de curto prazo, que vencem em um ano. Em junho deste ano, essa relação estava em 116,2%. Isso significa que hoje o Brasil tem em caixa dólares suficientes para garantir o pagamento dos débitos de prazos mais curtos e ainda fica com sobras no caixa. É o melhor resultado desde dezembro de 1995. Já a dívida total, que representava, em 2002, três vezes as exportações de bens e serviços do país, significa, agora, 1,6 vezes, indicador jamais verificado desde 1947. “Realmente, são números para

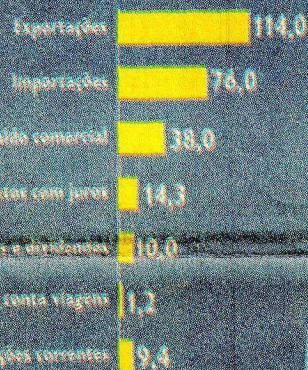
serem comemorados”, afirmou Fernando Montero, economista-chefe da Corretora Convenção. Ele disse, porém, que a maior parte do mérito de tais resultados vem do ótimo momento vivido pela economia mundial, com demanda crescente pelos produtos brasileiros e fartas quantias de capitais em busca de boas oportunidades de ganhos — as taxas de juros do Brasil são as maiores do mundo. “A equipe econômica não deveria ter vergonha de admitir que está sendo ajudada pelo cenário internacional e o governo como um todo deveria assumir que está se beneficiando da herança maldita deixada pela governação FHC”, destacou Montero.

Para o economista Flávio Serrano, da Corretora Ágora Senior, não fosse a crise política, com os atuais índices de solvência o Brasil já estaria próximo de se tornar um país recomendado para investimentos sem riscos, o chamado *investment grade*.

NOVAS PROJEÇÕES PARA 2005

(Em US\$ bilhões)

O Banco Central reviu uma série de números do balanço de pagamentos, diante dos resultados cada vez melhores das contas externas



Arte: Amaro Junior/CB

Atenção aos pontos fracos

Em meio aos bons indicadores das contas externas divulgados pelo Banco Central, o mercado financeiro acendeu o sinal de alerta para dois pontos: as remessas de lucros e dividendos e os investimentos estrangeiros diretos. Não sem motivo. No acumulado entre janeiro e agosto, as remessas totalizaram US\$ 7,886 bilhões, mais do que tudo o que foi enviado para o exterior em todo o ano passado (US\$ 7,338 bilhões). Em relação aos primeiros oito meses de 2004, as remessas cresceram 72%.

Segundo o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, esse movimento não deve ser interpretado como um sinal de retirada de recursos do país por causa da grave crise política que solapa governo e Congresso. “O aumento das remessas é reflexo dos excelentes resultados registrados pelas empresas no país. São os maiores lucros dos últimos 23 anos. Esse movimento ainda é favorecido pelo câmbio. Entre agosto de 2004 e agosto deste ano, o dólar caiu 21,4% frente ao real. Isso tornou as remessas mais atraentes (com o real forte, as companhias estão comprando mais dólares do que quando entraram no Brasil)”, explicou.

Altamir disse, porém, que as remessas de lucros e dividendos se acomodaram em setembro. Nos primeiros 21 dias deste mês, foram enviados para as matrizes das multinacionais que operam no país somente US\$ 249 milhões. Mas, pelo sim pelo não, o BC reviu para cima, de US\$ 9 bilhões para US\$ 10 bilhões, o total de retirada de recursos do país por meio dessa rubrica. “É verdade que não há nada de anormal nas remessas de lucros. Mas o ideal seria que as empresas reinvestissem seus resultados no Brasil e não retirassem recursos do país, já que estão lucrando tanto”, ressaltou o economista-chefe da Corretora Convenção, Fernando Montero.

Quanto aos investimentos diretos, o que causou preocupação foi a estimativa de saldo líquido de apenas US\$ 300 milhões para este mês — até ontem, o BC havia computado pífios US\$ 100 milhões de saldo. O economista do BC, no entanto, minimizou tal projeção. Ele afirmou que o resultado de setembro foi prejudicado por três operações de saída de estrangeiros do país, uma no setor químico, duas no setor financeiro, que totalizaram cerca de US\$ 600 milhões. “Mantemos a nossa projeção de investimentos diretos líquidos no país de US\$ 16 bilhões neste ano”, frisou. (VN)

Brasileiro viaja mais

O aumento da renda e a forte queda do dólar, cujos preços insistem em ficar próximo de R\$ 2,30, estão levando o brasileiro a retomar, com força, as viagens para o exterior. Esse movimento está tão forte que, em apenas dois meses, o Banco Central foi obrigado a rever as projeções para a conta viagem, na qual contabiliza os gastos dos turistas estrangeiros no país e as despesas de brasileiros mundo afora. No início do ano, o BC apostava que a conta viagem fecharia 2005 no zero a zero. Em agosto, já puxado pela realidade, passou a estimar um déficit de US\$ 800 milhões. Agora, o BC trabalha com um rombo de US\$ 1,2 bilhão.

Segundo o chefe do Depar-

tamento Econômico do BC, Altamir Lopes, somente em agosto, os gastos de brasileiros no exterior superaram em US\$ 103 milhões as receitas trazidas pelos turistas estrangeiros. Foi o maior déficit registrado na conta viagem em um mês de agosto desde 1947. Nos 12 meses terminados em agosto, os brasileiros deixaram US\$ 4,239 bilhões no exterior, a maior cifra desde 1999 em períodos semelhantes. Apesar desse resultado, o Ministério do Turismo comemorou o fato de, em agosto, os estrangeiros terem gastado US\$ 360 milhões no Brasil — resultado histórico para o mês. Americanos, espanhóis e argentinos lideram o ranking dos que mais visitam o país. (VN)